

Irã quer reparações e garantias de ‘direitos legítimos’ para acabar guerra

Conflito termina ‘quando eu quiser’, afirma o presidente americano Donald Trump

Khamenei.ir via Wikimedia Commons

O presidente do Irã, Masoud Pezeshkian, afirmou na quarta (11) que a guerra no Oriente Médio só irá acabar se forem reconhecidos os “direitos legítimos” do país e houver “pagamento de reparações” à teocracia pelos danos causados no conflito, iniciado há 13 dias por Estados Unidos e Israel.

Mais cedo, o americano Donald Trump havia dito que “praticamente não sobrou nada para atacar” no Irã. “Quando eu quiser que acabe, vai acabar”, afirmou o republicano sobre o fim do conflito em breve entrevista por telefone ao site Axios.

“A guerra está indo muito bem. Estamos muito à frente na nossa programação. Provocamos mais danos do que pensávamos ser possível, mesmo no período original de seis semanas [para o fim dos ataques]”, disse Trump.

A nova declaração do republicano contradiz as próprias diretrizes de seu governo, ainda que exista pouca clareza sobre seus objetivos e quando a Casa Branca irá considerá-los concluídos.

Em entrevista coletiva na terça-feira (10), a porta-voz do governo Trump, Karoline Leavitt, afirmou que os objetivos de Washington no conflito continuam sendo impedir que o Irã construa uma arma nuclear, destruir as capacidades produtivas de mísseis balísticos, destruir



Masoud Pezeshkian quer indenização pelos ataques

a Marinha iraniana e enfraquecer os grupos aliados de Teerã no Oriente Médio.

Trump também tem dito, e foi reforçado por Leavitt, que a meta é obrigar o regime iraniano a uma “rendição incondicional”, novamente sem explicar o que isso significa na prática. Ao não esclarecer quando esses objetivos estariam concluídos, Trump deixa em aberto e nas suas mãos a capacidade de declarar

o fim da guerra, ou ao menos a participação americana nela.

Pezeshkian, por sua vez, pediu em uma postagem no X “garantias internacionais firmes contra futuras agressões”. É a primeira vez que algum tipo de termo é colocado pelo presidente iraniano para o encerramento da guerra.

O problema para Pezeshkian é duplo. Primeiro, quem atacou não está interessado em termos que

não sejam, nas palavras de Trump, rendição incondicional. Daí que indenizações e salvaguardas futuras parecem fora de propósito.

Um ponto que o iraniano cita indiretamente, os tais direitos legítimos, remete ao programa nuclear dos aiatolás —evitar que Teerã possa ter a bomba, algo que tecnicamente é possível mas não estava no horizonte imediato, é um dos aparentes “casus belli” tanto de Trump quanto do premiê Binyamin Netanyahu.

Logo, exceto que abra mão do programa e dos 441 kg de urânio enriquecido perto do nível necessário para armamentos, e suficiente para até 15 bombas menos eficazes, o Irã não deverá tirar nada dos agressores.

Trump alterna ameaças de obliteração do regime com a promessa de uma guerra mais curta, visando apaziguar um pouco o mercado de petróleo em choque com o fechamento na prática do estreito por onde passa um quinto da produção mundial da commodity.

Mas coube, na quarta, ao Estado judeu dar uma previsão mais realista sobre o conflito. Segundo o ministro Israel Katz, da Defesa, a guerra continuará “sem qualquer limite de tempo”.

O segundo problema, tão grande ou maior, é que Pezeshkian tem

se isolado na chefia do país. Ele integrou o triunvirato que comandou a sucessão do líder supremo Ali Khamenei, morto no primeiro dia da guerra, mas à sombra de uma figura muito mais poderosa: Ali Larijani, chefe do Conselho de Segurança do país.

Ligado à Guarda Revolucionária, verdadeiro poder no Irã hoje, Larijani manobrou para ver o filho de Khamenei, Mojtaba, eleito por um colegiado de clérigos de forma rápida e aparentemente bastante opaca. O novo líder, que também é visto como da ala militar, não apareceu publicamente até aqui porque segundo o governo foi ferido ao lado do pai.

Pezeshkian ficou ainda mais escanteado quando, no sábado (8), véspera do anúncio da eleição de Mojtaba, pediu desculpas pelos ataques retaliatórios das forças iranianas contra países árabes com bases americanas no golfo Pérsico.

Ele buscava uma abertura diplomática, mas foi rechaçado pelos próprios militares, que continuaram a lançar mísseis e drones por toda a região. Na quarta, antes da postagem de Pezeshkian no X, a Guarda Revolucionária disse em nota que lutará “até a sombra a guerra ser levantada” sobre o Irã.

Por Igor Gielow e Guilherme Botacini (Folhapress)

Irã mira setor de petróleo; EUA e Israel ampliam ataques em aumento do conflito no Oriente Médio

Um dia depois de o presidente Donald Trump dizer que “na primeira hora, a guerra já tinha acabado”, o conflito iniciado pelos Estados Unidos e Israel no Oriente Médio chegou a seu 13º dia nesta quinta-feira (12) com uma escalada em sua violência.

O Irã ampliou ações visando criar o caos no setor de petróleo —o barril chegou aos US\$ 100 novamente. Sem condições de triunfar militarmente, Teerã aposta em resistir e gerar pressão econômica sobre Trump.

Já os EUA apertaram o torniquete sobre o regime teocrático fazendo ataques com bombas destruidoras de bunkers durante a noite. E Israel lançou uma nova onda grande de bombardeios no Líbano, prometendo vingança pela maior ação até aqui do grupo Hezbollah, aliado dos aiatolás.

As ações mais chamativas são da retaliação iraniana. Os ataques a navios no golfo Pérsico continuaram nesta quinta, após ao menos cinco serem atingidos na véspera.

Dois petroleiros ainda estavam em chamas perto do Iraque quando outra embarcação foi alvejada pela Guarda Revolucionária perto do estreito de Hormuz. A agência marítima britânica contou três ataques contra navios de carga até aqui nesta quinta.

A disrupção do tráfego marítimo na rota de um quinto da produção mundial de petróleo e gás natural liquefeito é o efeito colateral mais agudo da guerra. O Irã conta com esse efeito sobre o mercado, ainda que ele mesmo seja prejudicado pois perde seu único grande cliente no ambiente de sanções, a China, que compra quase todo seu óleo.

Nesta quinta, o barril referencial Brent chegou a ultrapassar os US\$ 100, algo que só havia ocorrido no começo da semana. Na véspera, o Irã disse que o mundo devia se preparar para um barril de US\$ 200, e parece disposto a cumprir a ameaça.

Além dos petroleiros, Teerã voltou a atacar instalações petrolíferas de países aliados dos EUA no golfo, como o Bahrein. Omã, que já havia registrado um grande incêndio no

porto de Salalah na véspera, teve de fechar o terminal de Mina al-Fahal. O terminal iraquiano de Basra também foi alvejado com drones, paralisando o escoamento da produção.

No Iraque, uma base italiana foi alvejada durante a noite perto de Irbil, no Curdistão local. Não se sabe se o ataque veio do Irã, que tem atingido alvos ligados aos curdos para evitar ideias de secessão da etnia de seu lado da fronteira, ou de algum grupo pró-Teerã.

Na via contrária, os EUA intensificaram ações contra a infraestrutura militar do Irã, atingindo pistas de pouso mais remotas e bunkers —na quarta, bombardeiros B-1B no Reino Unido foram filmados sendo carregados com bombas de penetração de solo de 900 kg.

Pelos vídeos divulgados nesta manhã de quinta pelo Comando Central das Forças Armadas dos EUA, um dos focos é o desmantelamento do que sobrou da Aeronáutica iraniana. Os lendários caças americanos F-14, comprados pelo regime anterior à teocracia nos anos

1970 e ainda voando, foram aparentemente dizimados.

Israel, por sua vez, iniciou uma nova onda de ataques ao sul de Beirute e a cidades na zona tampão entre seu território e o rio Litani, no Líbano. Segundo o Exército, as ações serão intensificadas depois que o Hezbollah libanês promoveu seu maior ataque nesta guerra, na noite de quarta.

Foram mais de 100 foguetes lançados contra o norte do Estado judeu, em uma ação conjunta com o Irã. Desde a semana passada, os rivais de Israel têm executado barragens coordenadas, dificultando o trabalho da defesa aérea. Não houve relatos de mortes.

O ataque intenso contrastou com a redução da frequência das ações contra Israel. De fato, no dia 4, o Hezbollah havia promovido 47 barragens contra Israel, número que caiu a 6 na quarta, segundo a Universidade de Tel Aviv. O Irã segue o mesmo roteiro, preferindo lançar seus drones e mísseis de forma mais espalhada pela região.

O custo humano da guerra só faz crescer, numa conta que pesa mais sobre quem está recebendo o maior fogo. No Irã, além dos mais de 1.300 mortos, há ao menos 3,2 milhões dos 93 milhões de habitantes deslocados de suas casas, segundo a ONU divulgou nesta quarta. No Líbano, são mais de 630 mortos e 810 mil fora de casa.

Há vítimas espalhadas pelos países do golfo, enquanto Israel conta 14 mortos e 3.400 deslocados internos. Os EUA perderam sete militares desde o início da guerra, e contam cerca de 140 feridos.

Se a demolição das capacidades militares iranianas é evidente, o cenário cada vez mais assimétrico e complexo desafia a assertiva feita por Trump em discurso na noite de quarta.

“Nós vencemos. Deixe eu dizer uma coisa: nós vencemos. Nunca queremos dizer que ganhamos antes da hora, mas nós ganhamos. Na primeira hora, a guerra já tinha acabado”, disse.

Por Igor Gielow (Folhapress)